

A LITERATURA NA REVOLUÇÃO¹Ilka Maria de OLIVEIRA²

“De quem é o olhar
Que espreita por meus olhos?
Quando pensa que vejo
Quem continua vendo
Enquanto estou pensado?...”
(F. Pessoa)

RESUMO *Os anos 50 foram para o Partido Comunista Brasileiro um dos mais importantes momentos da história de sua produção cultural. A imprensa comunista tinha chegado ao seu clímax como a segunda maior rede brasileira de notícias, funcionando na capital da república. O partido tinha crescido na legalidade pós-1945. No entanto, a repressão dos anos 50 parecia minar sua vida política. A literatura passaria a ter expressão através da proposta do realismo socialista de Zhdanov. Duas obras literárias podem exemplificar como isso funcionou no contexto brasileiro. Em um ensaio crítico, Astrojildo Pereira tenta rescrever a história da literatura brasileira considerando o papel dos intelectuais e rastreando no cânone as marcas de uma tradição insurrecional. A romancista Alina Paim, por sua vez, narra em um romance experimental em estilo naturalista uma greve real de trabalhadores ferroviários da Rede Mineira de Viação, efetivamente ocorrida em 1950, no Vale do Paraíba, no entroncamento dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Estas obras são provavelmente parte de uma discussão maior sobre uma política cultural para a literatura em reuniões comunistas. Este trabalho tenta iluminar algo de como a literatura funcionou para este grupo político e como essa proposta de política cultural foi um meio de reconstruir a coesão ideológica em um difícil momento de repressão e ilegalidade.*

ABSTRACT *The 50's were for the Brazilian Communist Party (PCB), one of the most important moments in its history of cultural production. The communist press had seen its climax as the second biggest press agency in the republican capital, Rio de Janeiro. The party had grown in the legacy period after 1945. The repression in the fifties, however, seemed to put an end to its political life, but besides this, the literature was to*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 18 de junho de 1998, sob a orientação da Prof^a Dr^a Marisa Lajolo.

² Ao finado mestre Nelson Werneck Sodré, que não gostava do assunto, mas que contribuiu para esse trabalho. A Alina Paim e Astrojildo Pereira que, a despeito de qualquer coisa, sonharam.

be a part of its role: Zhdanov's socialist realism was the way this party would be fighting for the hegemony. Two literary productions can show how this worked in the Brazilian context. In a critical essay, Astrojildo Pereira tries to re-write the history of Brazilian literature considering the role of Brazilian intelligentsia and trying to track in the canon marks of a revolutionary tradition. On the other hand, the novelist Alina Paim tries an experimental novel in naturalist style about a real strike of railroad workers of Rede Mineira de Viação in 1950 in the Vale do Paraíba area, crossed by the states of São Paulo, Rio de Janeiro and Minas Gerais. These productions are probably part of a major discussion about cultural politics for the Brazilian literature in communists' meetings and this work tries to unveil something of how literature worked for this political group and how this cultural politics they proposed was a way of re-building the ideological cohesion in a difficult moment of repression.

Se há um pressuposto a guiar o projeto de transformação social no marxismo que deve ser sempre lembrado, este se refere à revolução cultural a se processar em conjunto com a revolução social e política. A história do movimento comunista internacional e sua especificidade em diferentes contextos nacionais não prova o contrário. A despeito de seus influxos e refluxos em meio à repressão e ilegalidade, o Partido Comunista Brasileiro, o PCB, fundado em 1922, esteve sempre preocupado com a questão cultural, tendo construído ao longo dos vinte primeiros anos de sua existência um aparato cultural invejável, com o qual era difícil rivalizar.

Segundo o pioneiro historiador de sua produções culturais Rubim³, jornais diários, semanais, mensais, de várias partes do Brasil ou de circulação nacional, revistas culturais e políticas, livrarias, editoras, gráficas e, por fim, o sofisticado recurso de uma agência de notícias: todo esse arsenal servia ao exercício intelectual e à circulação dos pressupostos políticos do PCB. Com essa infra-estrutura em mãos, é natural que em determinados momentos se tenham delineado políticas culturais, ou seja, ações planejadas para o desenvolvimento da cultura. Os anos 50 configuraram um desses momentos.

Este trabalho trata de uma pesquisa sobre a política cultural desenvolvida pelo PCB no início da referida década, selecionando o campo literário e dele recortando dois autores significativos: Alina Paim, romancista, e Astrojildo Pereira, crítico literário. Trata-se de um momento em que, apartado da vida política pela ilegalidade e isolado na vida cultural desde a cisão intelectual na Associação Brasileira de Escritores, a ABDE, em 1949, o partido vive às voltas com o realismo socialista, o qual via como uma nova proposta para “revolucionar” via literatura.

Segundo entrevistas⁴, um marco para o início desta política cultural na década do desenvolvimentismo foi uma reunião nacional de intelectuais comunistas, realizada em Copacabana, em caráter clandestino, da qual participaram Astrojildo Pereira, Arnaldo Estrela, Dalcídio Jurandir, Alina Paim, Moacir Werneck de Castro, Jacob Gorender,

³ RUBIM, A.A.C. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural* (Tese de Doutorado) SP: FFLCH-USP, 1986.

⁴ Entrevistas realizadas pela autora com Jacob Gorender, Armênio Guedes e Nelson Werneck Sodré.

dentre outros, sob a coordenação de Diógenes Arruda, na época braço direito de Prestes. O objetivo era desenvolver a proposta do realismo socialista em diversos campos artísticos e culturais em uma verdadeira *política*, a qual veio a gerar mais tarde a formação de uma Comissão Nacional de Cultura, específica do partido, projetos de romances com base em fatos reais, viagens para pesquisas de campo para “inspirar” os escritores em determinados temas e produções nesta orientação em diversas modalidades como pintura, poesia, jornalismo, crítica e literatura.

Em um primeiro momento, gostaria de esclarecer os pressupostos que guiaram a pesquisa e que orientaram parte das conclusões obtidas.

1. **A história das produções culturais do PCB, dentro da qual se inclui a produção literária, não se desvincula da história política mais geral do partido**, ou seja, em meu ponto de vista, há um processo de influência ambivalente, uma relação umbilical entre literatura e política: tanto a política cria a base para o surgimento da produção literária no PCB quanto a literatura propaga a política nos momentos de repressão ou de refluxo partidário.
2. **A literatura se desenvolveu mais plenamente em um dos momentos de maior crise do partido, não somente pela infra-estrutura já montada para a produção cultural, mas pelas funções que desempenha até mais claramente políticas do que estritamente literárias para este grupo social e político**. É o que acontece nos anos 50, quando as iniciativas educacionais estão na linha de frente do projeto cultural do PCB.
3. **A literatura atua como um mecanismo de construção da identidade cultural e política comunista**. Este, mais um corolário do pressuposto anterior do que um pressuposto em si, refere-se a algo que vem em reforço da ideologia política e da auto-imagem do militante.

O QUE FOI A POLÍTICA CULTURAL DOS ANOS 50?

Para o campo literário, por questões de desenvolvimento dos meios de produção cultural próprios do PCB, a história se estende dos anos 40 para frente, mais particularmente no pós-45, quando o partido atua na legalidade, elege pela primeira vez seus representantes políticos e é capaz de colocar suas instituições culturais à mostra, as quais, não menos revigoradas, começam a produzir a todo vapor.

A infra-estrutura cultural do PCB é substancial nesse período: 8 jornais diários em várias capitais brasileiras, vários jornais menores, 2 editoras próprias (uma delas voltada para a literatura brasileira e para o cânone internacional de orientação comunista) e uma agência de notícias, a qual, segundo Gabriel Cohn, só fazia frente ao complexo jornalístico de Assis Chateaubriand⁵. O partido acumula ainda em 1945 uma substancial participação nas discussões culturais do I Congresso Brasileiro de Escritores, cuja declaração de princípios fora escrita por Astrojildo Pereira, novamente admitido nos quadros do PCB, partido que se tornara à época reconhecidamente prestista.

⁵ COHN, G. “Uma história de paradoxos” In: RUBIM, A.A.C. *Marxistas, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: CED, 1995.

Mas em 1950 o cenário é outro e menos glamouroso. A ilegalidade do partido é decretada por Dutra em 1947 e os representantes eleitos logo começam a ser cassados ou presos. Volta a ilegalidade e com ela o descompasso, as ações radicais e a instabilidade. Em 1949, o partido rompe com os intelectuais ditos “não-alinhados” da ABDE, reivindicando a instituição como sua esfera de atuação. O resultado não poderia ser menos catastrófico: as brigas chegam à agressão física e a associação é esvaziada. No tempo mais duro da Guerra Fria, oprimido por todos os lados (com seus representantes cassados, jornalistas presos, jornais fechados ou destruídos), ainda restam alguns meios de produção cultural, que então entram em ação para a divulgação da nova linha política: o *Manifesto de Agosto*, um documento supostamente escrito por Prestes em 1950, que em tom conclamatório propunha entre outras coisas a formação de um exército nacional e a tomada do poder via revolução.

Para as artes, dentre as quais a literatura, surgem os influxos do realismo socialista, estética que atrelava de forma estrita a produção literária à difusão do marxismo-leninismo, prevendo para a obra o *partidarismo literário*, em linhas gerais expresso em ingredientes que as obras deveriam conter como:

- o herói positivo: uma ou várias personagens ativas, corajosas e otimistas porque crentes no partido, sendo militantes ou desejando nele ingressar;
- o tema da insurreição, privilegiando a narração de fatos insurrecionais, a preconizada “realidade em seu desenvolvimento revolucionário”;
- a pesquisa de dados reais para serem objeto de romances, por exemplo;
- a difusão da ideologia comunista, dentro de um projeto de âmbito não somente cultural, mas explicitamente pedagógico.

Como observado anteriormente, este momento de divulgação do realismo socialista através de uma intervenção cultural de algum modo planejada gerou algumas iniciativas imediatas: havia reuniões periódicas de militantes para a discussão de questões culturais como o cânone literário (como lidar com a herança cultural) e incentivava-se a produção de romances com base na observação de fatos reais de greves e movimentos reivindicatórios, tirando dali os “ensinamentos” da inevitabilidade da revolução. Nesse contexto é que se inserem o ensaio crítico de Astrojildo Pereira e o romance escrito por Alina Paim, dos quais tratarei aqui de forma bastante resumida.

O ROMANCE A HORA PRÓXIMA DE ALINA PAIM

“Quero mostrar a multidão e cada homem de perto
Com aquilo que o anima e o desespera
E nessas estações do homem tudo o que o aclara
Sua esperança e seu sangue, sua história e seu penar.” (Paul Éluard)

Um dos autores que se propuseram a participar dessa campanha literária comunista foi Alina Paim. Essa romancista sergipana, radicada no Rio de Janeiro, tinha à época três livros publicados e militava no PCB desde a década de 40, provavelmente animada pelo grande *boom* de adesão ao partido ocorrido no pós-guerra e com o reconhecimento de sua legalidade em 1945. Fazendo parte do grupo intelectual do PCB que se reconhecia como uma vanguarda intelectual ao lado das classes trabalhadoras, Alina

Paim encampou a idéia de um romance em novos moldes. Como resultado da reunião nacional de 1950, a autora viajou às custas do partido naquele mesmo ano para o Vale do Paraíba, no entroncamento da Rede Mineira de Viação, para estar em contato com os ferroviários que tinham participado de uma greve-monstro na região. Tal greve, iniciada na cidade paulista de Cruzeiro, tinha paralisado não somente a via férrea, mas também o porto de Angra dos Reis, tendo se alastrado por mais seis cidades vizinhas. A reivindicação era o aumento salarial e o pagamento dos salários que estavam atrasados havia três meses.

A Rede Mineira de Viação era na época a maior via férrea do Brasil com 3989 km de extensão dentro dos 37000 existentes, e tinha se formado pela união de três importantes estradas de ferro mineiras – a Oeste de Minas, a Sul Mineira e a Sapucaí. Mesmo estando situada em um ponto estratégico, entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, interligando estradas de ferro que iam ter até Goiás, a RMV figurava entre as cinco ferrovias brasileiras que acumulavam mais déficits, de acordo com dados de relatório do DNEF (Departamento Nacional de Estradas de Ferro)⁶.

Alina Paim conseguiu chegar efetivamente ao local do movimento grevista meses após ter se dado a mobilização e, após três meses pesquisando a vida dos ferroviários em várias cidades, a autora começou a escritura do livro em um processo que se estenderia pelo menos pelos três anos seguintes. Em entrevista a Milton Pedrosa, da revista comunista *Para Todos*, a autora anunciou o projeto do romance logo após voltar ao Rio de Janeiro. Ela declarou que, “*após sentar-se à mesa tosca das mulheres que lutam ao lado de seus maridos*”, ela estava “*escrevendo um romance sobre a participação das mulheres brasileiras nas lutas que vem travando o proletariado de todo o mundo por melhores condições de vida e por um futuro melhor.*”⁷

Segundo os jornais da época, as mulheres tinham sido as grandes empreendedoras do movimento grevista de 1949. Deitando-se sobre os trilhos, dando entrevistas sobre a vida difícil dos trabalhadores ferroviários e reclamando dos atrasos salariais, ainda que organizadas por Sílvio Ferreira, próximo ao PCB, seriam elas que tomariam a frente da mobilização: montando piquetes, parando a manobreira, empunhando bandeiras vermelhas e sustentando o lema “*Nossa luta é contra a miséria*”. Entre os dias 23 e 28 de setembro de 1949, este seria um dos assuntos freqüentes nos jornais paulistas *Folha da Manhã* e *O Estado de São Paulo*, enquanto o jornal carioca *Correio da Manhã* publicaria notas até o dia 29 de setembro daquele ano.

O romance escrito por Alina Paim como resultado desta pesquisa empírica é uma obra em estilo naturalista que se ocupa da narração da greve em sua ocorrência nas várias cidades, utilizando o recurso do narrador-testemunha e combinando episódios de ambiência da vilas ferroviárias. Contrariando o relato dos jornais que colocaram a cidade de Cruzeiro como foco, Alina Paim não a despreza, mas deslocaliza esse foco, iniciando histórias também em Soledade, Itajubá, Divinópolis, fazendo menção às

⁶ Segundo este documento, a Rede Mineira de Viação ocupava o quarto lugar entre as mais deficitárias, perdendo apenas para a Central do Brasil, a Viação Férrea do Rio Grande do Sul e a Estrada de Ferro Leopoldina. Ref.: Diversos Autores. *I Centenário das Ferrovias Brasileiras*. Rio: IBGE, 1954.

⁷ PAIM, A. “Os caminhos de Alina Paim” Entrevista a Milton Pedrosa. In: *Para Todos*, Rio, março, 1951, p.13.

idades de Barra Mansa, Três Corações, Angra dos Reis e Lavras, locais servidos pela Rede Mineira de Viação.

Isso provoca no leitor a sensação de estar iniciando mais de uma história por vez ao ler os quatro primeiros capítulos do livro, que tem como elo apenas o telégrafo, que comunica a greve de um local para o outro, sendo um mote para a mudança do espaço narrativo. A seqüência praticamente se repete: a invasão dos trilhos por mulheres e crianças com bandeiras para parar o trem, a instalação de piquetes, a formação de comissões, a tomada do telégrafo com a ajuda de um electricista e a comunicação com outras estações da RMV.

De modo geral, esse romance que se estende por doze capítulos, alternando-se entre as narrações em diferentes cidades, parece se debater entre uma dupla solicitação: entre o real e o imaginário, entre o individual e o coletivo, entre o fato miúdo e o movimento da massa grevista, entre o operário e o partido comunista. Junto ao relato das negociações da greve – seus avanços e retrocessos na reivindicação de salários – existe de forma nítida, mas às vezes pouco articulada, a descrição da ambiência proletária. Por vezes em desequilíbrio, essa estrutura multifacetada narração-descrição gera algumas quebras de seqüência narrativa e de relevo: o menino que come macarrão com avidez ocupa o mesmo espaço que a parada da escola por conta da mobilização, sendo, entretanto, uma personagem que não se articula a nenhum fato significativo ligado ao desencadear da greve ou a outros episódios da vida operária. Tais cenas que muitas vezes ficam soltas parecem querer dar um traço proletário ao romance, ou seja, elevar, ainda que de modo rudimentar, a figura do operário à categoria de primeira pessoa do conflito, um aspecto significativo do ponto de vista sócio-literário.

Apesar do subaproveitamento dos recursos ficcionais que golpeiam a verossimilhança, como as 153 personagens elencadas, boa parte delas somente nomeadas, há o mito da mãe de família que impulsiona o motor do conflito social que só não é insuperável para justificar ali a esperança de transformação dada pelo PCB. Um exemplo ilustrativo parece ser dado pela seguinte cena do capítulo 6, em que as mulheres de Divinópolis discutem se irão ou não aos trilhos iniciar essa greve familiar:

“Conceição ia falar às companheiras quando um rumor se propagou no caminho de cimento. Abrindo passagem, uma mulher pálida, de gravidez avançada, aproximou-se de Conceição. Seus lábios tremiam e a mão insegura mergulhou na gola do vestido retirando do seio um papel dobrado e úmido.

- Todo mundo só fala nisso. Que diz aí, Conceição?

Sobre a mesa o espanchia-se (sic) como se tivesse vida, as pontas reviradas estremecendo. E foi daí que Conceição o ergueu e desdobrou. A mensagem derramava-se de sua voz sobre aquelas respirações ofegantes, tomando novo sentido assim ouvida. Suas palavras revolviavam a alma da mulher grávida que não a pudera ler, porque jamais pisara numa escola.

A mulher ia acompanhando a leitura, pesando cada raciocínio. Sim, aquele papel tinha razão, tudo aquilo era verdade. Os milhares de ferroviários estavam se acabando de fome com suas famílias. Para a Rede Mineira, as locomotivas, vagões, trilhos, casas e dormentes valiam mais do que os seres vivos. Um pedaço de ferro velho contava mais do que um trabalhador. Contava mais do que

o seu filho que estava para nascer, ser um camisolinho pronto, sem uma fralda (...). Quando começarei esta greve? Como? Já havia começado! (...)

Os braços de Conceição caíram ao longo do corpo, o boletim seguro entre os dedos crispados. A mulher grávida fitava-a, os lábios unidos, as lágrimas descendo-lhe pelas faces. Concentração brusca endureceu-lhe os traços, com o punho cerrado esmagou as lágrimas que teimavam em descer. Conceição procurou lembrar-se do que antes ia dizer às companheiras e nada mais lhe ocorreu. De sua boca brotou apenas uma palavra.

- Vamos!

E era a palavra que os corações esperavam.”⁸

A personagem do tipo mãe de família, tematizada em um sem número de rostos sofridos, colocando a luta em nome dos filhos, vai sendo, entretanto, ultrapassada pela do trabalhador ferroviário e seu cotidiano exaustivo, por seu esforço desvalorizado em condições de trabalho precárias e inseguras. Não sem razão pululam no romance relatos de acidentes ocupacionais (como o de ferroviários que morrem em túneis por não poderem viajar dentro do vagão), denúncias de fim de benefícios e do próprio atraso de pagamentos que motiva a greve.

A dualidade povo-partido vai aos poucos fazendo a história do povo oprimido confluir com uma história não-oficial do partido, transportando-se da família nuclear para a “família” partidária, o que desnuda a personagem principal do romance: a figura nítida e radiante do PCB, na forma de seus militantes, de sua organização interna e das instituições que gravitam em sua órbita política. Só então é possível ver com maior relevo o cotidiano do partido, a psiquê de seus militantes (através de personagens como Sílvio Ferreira, Nina, Marta, Velho Tião etc), o trabalho de organização de greves, as práticas internas e, por fim, a edificação de um perfil e de uma moral comunistas.

Tudo isso parece contribuir para criar a história insurrecional na qual comunismo e comunistas apareçam, um romance que funcione ao mesmo tempo como um memorial de lutas de comunistas e trabalhadores e como exemplo pedagógico (e talvez mesmo tático) de como levar a cabo a luta e a revolução.

O ENSAIO DE HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA DE ASTROJILDO PEREIRA

“É preciso viver, viver como militante da vida, viver com e no meio de todos os homens. É no chão úmido da vida em tumulto que se encontra a selva de toda a poesia. Cumpre ao poeta plantar-se bem plantado neste chão e mergulhar nele as suas raízes. Não me falem em fugas... Fugir, neste momento, mais do que nunca significa desertar – desertar sobretudo de si mesmo.” (Astrojildo Pereira)

O crítico literário Astrojildo Pereira tinha sido um dos principais fundadores do PCB em 1922. Tendo sido um dos primeiros dirigentes do partido no início de sua existência e tendo sido dele expulso no início da década de 30, este autor só seria readmitido em 1945, quando o PCB voltaria a incorporar a antiga ala de militantes em

⁸ PAIM, A. *A Hora Próxima*. Rio: Vitória, 1955, pp.176-7.

uma instituição que tinha no momento não somente a legalidade, mas também abrangência popular e um corpo razoável de intelectuais simpatizantes ou filiados. Ainda que poucos tenham permanecido ao lado do PCB após a cisão da ABDE em 1949 (quando o PCB já está ilegal), o mais importante fator a assinalar é que o partido demarca o seu campo de influência intelectual e partirá dele para resgatar o espaço político perdido na repressão. Um dos aspectos a contribuir para a intervenção do partido na vida intelectual é a questão do cânone literário, de que tratará o ensaio de Astrojildo.

Na esteira da tradição literária existente está este ensaio de Astrojildo Pereira, supostamente escrito no início dos anos 50 e para apresentação oral, trabalho no qual o autor busca reler o cânone literário brasileiro das origens até a década de 30, usando para isso o critério das duas culturas, ou seja, a dualidade cultura reacionária-cultura progressista que ele vê presente em toda produção cultural. O objetivo do autor parece ser o de rever a tradição literária brasileira, considerando a tematização das lutas sociais (ou o movimento contra o seu ocultamento ficcional) e o engajamento da classe intelectual brasileira.

Apesar de selecionar a história da literatura brasileira como enfoque de sua análise, homem e obra parecem estar no mesmo alvo para Astrojildo, o que lhe dá maior versatilidade para criar ao seu gosto uma linha insurrecional dentro do cânone cultural, buscando traços de uma revolução que via em subterrâneo curso através de homens e obras, lançando mão de uma crítica que remonta à primeira geração de críticos brasileiros, a nomes como os de Sílvio Romero e José Veríssimo, não raro citando-os para amparar a sua argumentação.

Os critérios do autor naturalmente não dão ênfase à organização formal das obras, que são selecionadas por assunto, ou seja, pelo seu conteúdo, sem incursões por sua parte estética. Também não há preferências de gênero literário, embora o autor admita que a poesia pareça mais permeável às influências progressistas do que o discurso historiográfico e o romance. Sendo assim, poemas, romances, críticas, histórias literárias, histórias do Brasil e, de modo geral, documentos históricos, entram na constituição desse cânone cultural, pautado por:

- nacionalismo, engajamento, anticlericalismo e origem social dos autores
- cor local, assunto, inserção social e veracidade ou ligação com fatos reais (mais do que verossimilhança) das obras.

O critério ambivalente homem-obra parece ser razoavelmente compatível com os objetivos do autor até o Romantismo condoreiro. O autor vai mesclando a performance política do homem com a performance literária de suas obras, que podem contribuir para o desvelamento das lutas sociais brasileiras. Assim, enquanto a literatura não sofre a influência de outros meios de expressão social e artística, seu caráter polivalente agrada a Astrojildo Pereira. É o caso da literatura produzida pelo incondidentes, como as Cartas Chilenas, ou dos poemas satíricos de Gregório de Matos.

Entretanto, à medida que a literatura vai diminuindo o escopo de suas funções, que outras produções culturais entram em concorrência, que o lugar do letrado vai minimamente se definindo na sociedade, ela vai sendo deixada de lado em nome da biografia e da participação política. Por isso, há uma espécie de viragem ao tratar o período romântico dos condoreiros, mais especificamente em Castro Alves, um dos

paradigmas intelectuais do PCB, para os comunistas um verdadeiro exemplo de encontro entre o artista e o cidadão militante, lembrado por meio das estrofes de um de seus poemas, o qual é considerado profético no dizer de Astrojildo, versos estes que se prestam a um desajeitado culto à personalidade do líder Luís Carlos Prestes:

*“Voz de ferro! levanta as almas grandes
Do sul ao norte...do oceano aos Andes!...”*

Dáí em diante, segue o autor com ênfase mais no homem, em suas ações, do que em sua obra, com mais adições do que exclusões dentro do campo político. Um sintoma da politização paulatina do discurso de Astrojildo Pereira é a denominação que confere aos períodos abordados: em vez de escolas literárias, o autor elenca os grupos por sua filiação política, como anarquistas, republicanos e abolicionistas, que tomam a cena até a virada deste século.

O resultado final disso é um cânone aumentado, mais cultural e político do que especificamente literário, um cânone onde o próprio PCB quererá se incluir, ora com apartes de textos de Prestes, ora como personagem histórica no início de sua formação, que coincide com a do Modernismo brasileiro. O ensaio não continua até a década de 30 como se promete no início, terminando com nomes apenas citados em um flagrante de texto inacabado e por revisar. Nomes de modernistas, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, nomes duvidosamente assinalados como os dos poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, que viviam uma relação tensa com o partido na época. Com relação a este período, surge uma reivindicação importante por parte dos comunistas: na luta por atenção no ano de 1922, o PCB, pelas palavras de Astrojildo, parece querer reivindicar para si a aura de vanguarda, de sangue novo no pensamento nacionalista do início do século, subtraindo-a aos modernistas. Do cânone literário-cultural para a função do intelectual, esse foi movimento geral do ensaio de Astrojildo Pereira.

NO FIM DAS CONTAS

Dentro da proposta de política cultural do PCB, é possível pensar que Astrojildo Pereira e Alina Paim sejam complementares:

- enquanto o crítico se ocupa em ler a tradição literária já existente, ajustando o cânone ao critério da expressão mais ou menos clara das lutas de classe,
- a romancista tenta uma nova forma de composição e propõe um romance experimental, baseado na atuação “verídica” das grevistas do Vale do Paraíba.

Em Astrojildo Pereira, há a tentativa de criar dentro da história cultural brasileira uma linhagem de escritores e obras sintonizadas com o clima da revolução, com os traços ainda que mínimos da insurreição que o autor via como prenúncio de uma transformação social mais ampla. Nesse cânone literário aumentado, no qual figuram também anarquistas e publicistas, o próprio PCB será personagem, contabilizando para si não somente a participação intelectual e política a que tem direito, mas resgatando um

lugar na história do Brasil no momento em que vive uma crise institucional motivada pela ilegalidade.

A sintonia de Astrojildo Pereira com o *Manifesto de Agosto* e com o espírito do realismo socialista para a literatura fica por conta de sua busca pelo tema insurrecional, por sua pesquisa de autores engajados ou obras com apelo social mais visível, por seu desejo de colocar o PCB na história e, mais propriamente, Prestes com a “voz de ferro” semelhante a Castro Alves.

Entretanto, o autor parece pretender não apenas criar uma linhagem insurrecional como uma visão da literatura pelos comunistas; em sentido contrário, há ainda uma espécie de reabilitação da visão dos comunistas de si próprios, continuando uma linhagem revolucionária (ou, pelo menos, contestadora) que vem desde os tempos mais remotos de nossa história cultural, de Gregório de Matos, dos inconfindentes, dos abolicionistas, dos republicanos, configurando as esquerdas de todas as épocas.

A discussão do cânone literário que desemboca na questão da função do intelectual remete a filiação desse perfil comunista à linha dos antigos críticos literários como Sílvio Romero, para o qual homem e obra eram fatores indissociados. Isso parece ser resultado da negação ou subaproveitamento das mediações por que passa o processo de criação literária: a obra não é vista em sua autonomia relativa, não é considerada em sua dimensão estética, mas, em um sentido reducionista, é produto puro da ideologia, da psiquê do autor, daí a valorização da biografia dos escritores, coroada por sua performance política.

De modo geral, é possível dizer que Astrojildo Pereira utiliza várias estratégias para fazer coincidir o desejo dos comunistas de um cânone insurrecional e a tradição literária já consagrada desde as origens até os anos 30. Para isso o crítico se move entre diferentes critérios, recrutando o que mais convém para conciliar até mesmo autores que poderiam ser considerados não-alinhados.

Um exemplo típico é o caso de Machado de Assis que, por seu pessimismo, acaba somente sendo aceito por seu ateísmo, de acordo com as manobras astrojildianas. O autor de *Dom Casmurro*, alvo de polêmicas intensas dentro do PCB, será no limite canonizado na literatura progressista selecionada por Astrojildo, já que este crítico convoca sua biografia, sua formação básica, sua origem humilde e até mesmo suas crenças:

“manteve-se até o fim de sua longa existência como uma expressão da mentalidade anti-romântica, naturalista, materialista, que predominava na época. Foi ateu na juventude e morreu ateu, amando a vida aqui neste mundo e descrendo de qualquer sobrevivência num outro mundo.”

Um outro exemplo é o do poeta Casemiro de Abreu, que poderia ser considerado alienado de acordo com as exigências comunistas, mas Astrojildo justifica sua presença pelo apelo popular de suas obras (critério que lhe é sempre bem-vindo), dentre outros exemplos para os quais recruta critérios como cor local ou traços ainda mais vagos de nacionalismo.

O romance *A Hora Próxima*, de Alina Paim, é uma espécie de exemplo desenvolvido da literatura que se pretendia gerar com os influxos do realismo socialista

de feição zhdanovista: um romance com base potencial na realidade, idealista quando necessário para reforçar o ideário comunista e com forte tematização de um conflito social, o que sugere o início da preconizada revolução.

Embora apresentando um número razoável de personagens proletárias, essas são apenas pano de fundo para as ações que o partido irá empreender na greve, concorrendo para o seu sucesso certo já anunciado. O prenúncio do aceno proletário do romance, com as histórias de vida das mulheres que reivindicam os salários das famílias – esse prenúncio é entrecortado pela denúncia dos problemas dos trabalhadores ferroviários e, finalmente, é ultrapassado pela figura, então clara e desenvolvida, do PCB, seus militantes e órgãos, que o tornam onipresente no romance. A mãe de família, força motriz inicial da greve, é superada pela família maior que é o Partido Comunista, estabelecendo o elo entre o doméstico e o social, entre o individual e o coletivo.

Em seu discurso descritivo, a autora oferece os mínimos detalhes de como conduzir o movimento reivindicatório: como organizar comitês, como formar comissões, que propostas aceitar ou recusar etc. O tom pedagógico é mais visível por vezes em personagens que não somente agem, mas, gratuitamente, explicam os motivos de sua atitude, como se preparando o entendimento do leitor que se pretende cativar. Exemplo disso é Velho Tião, o electricista que vive com suas ferramentas no campo grevista, pois segundo o que se diz no romance: “*um electricista na greve pode fazer milagres*”.

Mais do ensinar a fazer greve, o romance é uma referência de como era ser comunista em 50 ou, pelo menos, de como se pensava que um comunista deveria ser. Há ali toda a rotina do PC: desde a formação de hemerotecas até o desmantelamento de jornais para sua posterior reabertura com novo nome; as várias fases do desejo de engajamento até a filiação (um exemplo é a professora Clotilde, que vai das dúvidas até o engajamento como militante, repensando sua própria prática); a moral e o comportamento esperado do comunista - abnegação, firmeza, coragem, decisão e, sobretudo, disciplina.

O que se desprende de tudo isso é que o partido lança mão de um mecanismo de identificação para si mesmo, para reforço da ideologia e da vontade de lutar de seus militantes. Em resumo, estas parecem ser algumas das funções da literatura no âmbito partidário.

- **A literatura é um instrumento e não finda em si mesma.**

A literatura é uma ponte, é um meio de ensinar e não um fim em si mesma. Há uma certa perda do caráter mágico e místico que a envolve e, principalmente, da autonomia que a literatura detém como objeto ao mesmo tempo histórico e estético. Isso ocorre porque a literatura está inserida em um projeto mais amplo de educação política e serve como meio de difusão de outros tipos de conhecimento.

- **A literatura atua como um mecanismo de inserção social e política.**

A literatura como uma espécie de poder transfigurado, no entender de Bourdieu, é a ponte através da qual o PCB se reinsere historicamente e restaura para si mesmo a identidade abalada com a repressão da época, que muito o fragiliza. Com a perda de representatividade política e com a ilegalidade, o partido se insere no campo literário para penetrar no campo político.

- **A literatura é uma espécie de lenitivo.**

Paradoxalmente à visão preconizada pelos comunistas para a literatura, esta é recrutada para criar na ficção o que se deseja na realidade. Serve de reforço da identidade cultural do militante, ao mesmo tempo em que proporciona um meio de denúncia da sobrevida do partido e dos trabalhadores.

Para finalizar, como sintetizou Drummond a Moacir Werneck de Castro a respeito desta época:

“Mas tudo isso é passado, sem sombra de acidez e resta apenas dizer: Éramos assim em 1949!”⁹

Ou mais contemporaneamente, Belchior:

*“Não peça que eu lhe faça
Uma canção como se deve
Correta, branca, suave
Muito limpa, muito leve,
Sons, palavras são navalhas
E eu não posso contar como convém
Sem querer ferir ninguém
Mas não se preocupe, meu amigo,
Com os horrores que eu lhe digo,
Isto é somente uma canção
A vida realmente é diferente
Quer dizer:
A vida é muito pior.”*

BIBLIOGRAFIA DESTE TRABALHO

Diversos Autores. **I Centenário das Ferrovias Brasileiras**. Rio: IBGE, 1954.

MORAES NETO, G. **O Dossiê Drummond**. SP: Globo, 1994, p.83.

PAIM, A. **A Hora Próxima**. Rio: Vitória, 1955

RUBIM, A.A.C. **Marxistas, Cultura e Intelectuais no Brasil**. Salvador: CED, 1995.

RUBIM, A.A.C. **Partido Comunista, Cultura e Política Cultural** (Tese de Doutorado) SP: FFLCH-USP, 1986.

⁹ Cartão de Carlos Drummond de Andrade ao jornalista comunista Moacir Werneck de Castro, de 23 de setembro de 1981, desoberto por Geneton de Moraes Neto. Ref: MORAES NETO, G. *O Dossiê Drummond*. SP: Globo, 1994, p.83.